



UM POETA E SEU AMOR PELA BAHIA

Caymi bebe outro trago e com voz dolente diz: "O meu negócio, meu nêgo, é amor pela Bahia. Tomei amor à malandragem e pronto". Sentado em uma cadeira de couro cru, Caymi espreguiça-se e conta coisas Na praia dos

fundos da sua casa, lá no Alto da Sereia, o mar quebra na areia "que acaba onde a vista não pode alcançar" Gente de Axé Opô Afonjá, Dorival Caymi, completamente descontraído, fala de tudo, menos da Academia. Nem parece que ela existe. (pág. 3.).

SEM GRAVATA E COM PINGA A BOA CONVERSA DE CAYMI

Texto de Anísio FÉLIX



Aquele mar imenso é a grande musa do violão de Caymi, avô todo ternura para os netos



"O meu negócio, meu nêgo, é amor pela Bahia. Tomei amor à malandragem e pronto. Tomei uma" ai que isso é nosso".

A voz é mansa, musicada e cheia de dengo. É a voz de Dorival Caymi, preguiçosa, indolente, como que acompanhando as ondas do mar que quebram no fundo de sua casa, no Alto da Sereia, ali entre São Lázaro e Yamanjá — perto da Ondina e Rio Vermelho.

"Nunca deixei de vir à Bahia todos os anos tomar a bênção a todos os santos, e aqui me encontro mas não sou de lustrar braço". Os meninos estão inquietos e levam a maior bronca do mundo. Caymi sentado numa cadeira de couro cru, só faz estirar o braço para pedir mais "uma" a D. Stela. E o mar lá no fundo bate. Ele mostra um Panceti na parede e diz que o mestre, ao pintá-lo, disse que o fez inspirado em uma de suas canções. Alguém faz perguntas e Caymi aponta novamente para outro quadro. "Não presta atenção e nem pensa na vida". Afirma que é um Di Cavalcanti.

DOIS VAGABUNDOS

"Fiquei surpreso ao me deparar certa feita com dois vagabundos como João Gilberto e Tom Jobim. Miseráveis, famintos e com tanto talento. Era a Bossa-Nova. Tomei amor aos dois a ela, e "tamos" ai. Se vocês não sabiam, o samba canção diz uma porção de coisas que muita gente não quer ouvir. João Gilberto e Tom Jobim eram sofridos mas cheios de amor. Olha Stela, boate, esses meninos pra lá e feche a porta bem fechada."

CALÇA E BLUSÃO

"E quando o sol vai quebrando lá pro fim do mundo," Caymi continua conversando, sem pressa, contando as suas andanças. Conta que

numa casa, em Copacabana, arranhou um porão legal, onde instalou o "Clube 36," dando um recado firme. Todo mundo falava que era onda mesmo porque não existia boate. Caymi andou por andar, andou, e ainda gosta da manimolência. Homem de calça e blusão, faz um esforço de memória e lembra-se com o auxílio de D. Stela a última vez que fez uma roupa inteira. Foi há 9 anos e ele já nem sabe pra que e por quê. Entre uma cachaça e um chá, não existe comparação. "Chá dá câncer", diz ele, sorrindo.

ENTUSIASMO

Lembrando-se dos bons tempos quando chegou logo ao Rio de Janeiro, Caymi diz da admiração que sentiu por Assis Valente, aquele outro balano que fez tantas músicas que agradam até hoje a todos, inclusive às beatas. "Ao invés de tomar chá com torrada ele tomou Parati". "Papai Noel vê se você tem a felicidade pra você me dá eu penso que todo mundo fosse filho de Papai Noel". Assis Valente morreu e "a jangada voltou só".

COM TUDO NA MÃO

Olhando prá "onde a vista não pode alcançar", Dorival Caymi conta que teve mulheres, música e a noite nas suas mãos, podendo sentir na pele e no espírito a predisposição a qualquer contato, sendo, por conseguinte, um homem imediato, nunca boleiro ou competidor. As suas músicas já dizem isso e mais alguma coisa porque são livres como o vento e o mar.

"Outro dia eu estava deitado lá embaixo e vieram me acordar para quebrar um galho. O negócio era uma recepção que o Governador deu em palácio. Acertaram tudo, mas na hora o maculelê não foi. Estava de calção, me vesti ligeiro e fui dar o

meu recado. Me pediram prá cantar uma música minha que eu quase nem me lembrava. Ai é que está: o povo é quem consagra a gente e pequenos grupos. Cito, por exemplo, "Maracangalha", que já tem tanto tempo e nunca foi esquecida. E como se fala tanto em Academia digo que Academia é um reforço para a glória ou o medo de perdê-la."

DEUS DUVIDA

Caymi diz e "faz coisa que até deus duvida". Pinta cola figuras, coleciona canetas, grita com os netos e sorri para tudo que D. Stela diz, quase sempre ao mesmo tempo. Recebe um amigo e proclama que o cara é "norreta". Está com a perna esquerda um pouco dolorida se mexe, mas sobe e desce escada. "Quando a noite é de Lua, a vontade é contar mentira e se esprequelcar," e isto ele faz. Talvez não minta, mas que se esprequelca, espregueca na cadeira baixa, mãos na barreira, óculos na testa e os netos em volta.

DESCONTRARIADO

Gente do Axé Onô Afonjá, Caymi, completamente descontraído, fala de tudo, menos da Academia Baiana de Letras. Nem parece que ela existe. A conversa em sua casa é sobre povo, música, tempos idos e o término da construção da residência. D. Stela eufórica e já convidou até algumas pessoas para o "regabofê" de inauguração, quando, quem não bebe, tem que beber mesmo, para não fazer feio. Os meninos estão sonolentos e o mar está batendo com mais força lá atrás. O imortal poeta dos mares e das praias apesar de "umas e outras" continua firme, levando as visitas à porta. Lá prá tantas a rua está deserta e "assim adormece Caymi, que nunca precisa dormir prá sonhar."